

LITTERATURA

O IMMORTAL

(Continuação)

III

Uma noite, o chefe indigena, — chamava-se Pirajuá —, foi á rede de meu pai, annunciou-lhe que nãa de morrer, pouco depois de nascer o sol, e se elle estivesse prompto para acompanhal-o fóra, antes do momento ultimo. Meu pai ficou alvoroçado, não por lhe dar credito, mas por suppol-o delirante. Logo á madrugada, o sogro veio ter com elle.

— Vamos, disse-lhe.

— Não, agora não: estás fraco, muito fraco...

— Vamos! repetiu o guerreiro.

E, á luz de uma fogueira espirante, viu-lhe meu pai a expressão intimativa do rosto, e um certo ar abolico, em todo caso extraordinario, que o atterrou. Levantou-se, acompanhou-o na direcção de um rego. Chegando ao corrego, seguiram pela margem esquerda, acima, durante um tempo que meu pai julgou ter sido um quarto de hora. A madrugada avançava-se; a lua fugia deante dos primeiros raios do sol. Comtudo, e apesar da vida do tempo que meu pai levava desde alguns tempos, a aventura assustava-o; seguia vigiando o sogro, não receio de alguma traição. Pirajuá ia calado, não os olhos no chão, e a fronte carregada de pensamentos, que podiam ser cruéis ou sómente tristes. Andaram, andaram, até que Pirajuá disse:

— Aqui.

Estavam deante de tres pedras, dispostas em angulo. Pirajuá sentou-se n'uma, meu pai n'outra. Depois de alguns minutos de descanso:

— Arréda aquella pedra, disse o guerreiro, apondo para a terceira, que era a maior.

Meu pai levantou-se e foi á pedra. Era pesada, resistiu ao primeiro impulso; mas meu pai teimou, applicou todas as forças, a pedra cedeu um pouco, depois mais, enfim foi removida do logar.

— Cava o chão, disse o guerreiro.

Meu pai foi buscar uma lasca de pau, uma taquara e não sei que, e começou a cavar o chão. Já então estava curioso de vêr o que era. Tinha-lhe nascido a ideia, — algum thezouro enterrado, que o guerreiro, receioso de morrer, quizesse entregar-lhe. Cavou, cavou, até que sentiu um objecto fofo; era um vaso tosco, talvez uma igaçaba. Não o rou, não chegou mesmo a arredar a terra em volta d'elle. O guerreiro approximou-se, desatou o pedaço de couro de anta que lhe cobria a boca, mettu dentro o braço, e tirou um boião. Este boião tinha a boca tapada com outro pedaço de couro.

— Vem cá, disse o guerreiro.

Sentaram-se outra vez. O guerreiro tinha o boião sobre os joelhos, tapado, mysterioso, aguçando a curiosidade de meu pai, que ardia por saber o que havia alli dentro.

— Pirajuá vae morrer, disse elle; vae morrer para nunca mais. Pirajuá ama guerreiro branco, esposo de Maracujá, sua filha; e vae mostrar um segredo como não ha outro.

Meu pai estava tremulo. O guerreiro desatou lentamente o couro que tapava o boião. Destapado, mostrou para dentro, levantou-se, e veio mostral-o a meu pai. Era um liquido amarellado, de um cheiro acre e singular.

— Quem bebe isto, um golle só, nunca mais morre.

— Oh! bebe, bebe! exclamou meu pai com vivacidade.

Foi um movimento de affecto, um acto irreflectido de verdadeira amizade filial, porque só um instante depois é que meu pai advertiu que não tinha, para crêr na noticia que o sogro lhe dava, senão a palavra do mesmo sogro, cuja razão suppunha perturbada pela molestia. Pirajuá sentiu o espontaneo da palavra de meu pai, e agradeceu-lh'a; mas abanou a cabeça.

— Não, disse elle; Pirajuá não bebe, Pirajuá quer morrer. Está cansado, viu muita lua, muita lua. Pirajuá quer descançar na terra, está aborrecido. Mas Pirajuá quer deixar este segredo a guerreiro branco; está aqui; foi feito por um velho pagé de longe, muito longe... Guerreiro branco bebe, não morre mais.

Dizendo isto, tornou a tapar a boca do boião, e foi mettello outra vez dentro da igaçaba. Meu pai fechou depois a boca da mesma igaçaba, e repoz a pedra em cima. O primeiro clarão do sol vinha apontando. Voltaram para casa depressa; antes mesmo de tomar a rede, Pirajuá falleceu.

Meu pai não acreditou na virtude do elixir. Era absurdo suppor que um tal liquido podesse abrir uma excepção na lei da morte. Era naturalmente algum remedio, se não fosse algum veneno; e neste caso, a mentira do indio estava explicada pela turvação mental que meu pai lhe attribuiu. Mas, apesar de tudo, nada disse aos demais indios da aldea, nem á propria esposa. Calou-se; — nunca me revellou o motivo do silencio; creio que não podia ser outro senão o proprio influxo do mysterio.

Tempos depois, adoeceu, e tão gravemente que foi dado por perdido. O curandeiro do logar annunciou a Maracujá que ia ficar viuva. Meu pai não ouviu a noticia, mas leu-a em uma pagina de lagrimas, no rosto da consorte, e sentiu em si mesmo que estava acabado. Era forte, valoroso, capaz de encarar todos os perigos; não se atterrou, pois, com a ideia de morrer, despediu-se dos vivos, fez algumas recommendações e preparou-se para a grande viagem.

Alta noite, lembrou-se do elixir, e perguntou a si mesmo se não era acertado tental-o. Já agora a morte era certa, que perderia elle com a experiencia? A sciencia de um seculo não sabia tudo; outro seculo vem e passa adiante. Quem sabe, dizia elle comsigo, se os homens não descobrirão um dia a immortalidade, e se o elixir scientifico não será esta mesma droga selvatica? O primeiro que curou a febre maligna fez um prodigio. Tudo é incrível antes de divulgado. E, pensando assim, resolveu transportar-se ao logar da pedra, á margem do arroio; mas não quiz ir de dia, com medo de ser visto. De noite, ergueu-se, e foi, tropego, vacillante, batendo o queixo. Chegou á pedra, arredou-a, tirou o boião, e bebeu metade do conteúdo. Depois sentou-se para descançar. Ou o descanso, ou o remedio, alentou-o logo. Elle tornou a guardar o boião; d'ahi a meia hora estava outra vez na rede. Na seguinte manhã estava bom...

— Bom de todo? perguntou o tabellião João Linhares, interrompendo o narrador.

— De todo.

— Era algum remedio para febre...

— Foi isto mesmo o que elle pensou, quando se viu bom. Era algum remedio para febre e outras

doenças; e nisto ficou; mas, apesar do effeito da droga, não a descobriu a ninguem. Entretanto, os annos passaram, sem que meu pai envelhecesse; qual era no tempo da molestia, tal ficou. Nenhuma ruga, nenhum cabello branco. Moço, perpetuamente moço. A vida do matto começára a aborrecel-o; ficára alli por gratidão ao sogro; as saudades da civilisação vieram tomal-o. Um dia, a aldea foi invadida por uma horda de indios de outra, não se sabe porque motivo, nem importa ao nosso caso. Na lueta pereceram muitos, meu pai foi ferido, e fugiu para o matto. No dia seguinte veio á aldea, achou a mulher morta. As feridas eram profundas; curou-as com o emprego de remedios usuaes; e restabeleceu-se dentro de poucos dias. Mas os successos confirmaram-n'o no proposito de deixar a vida semi-selvagem e tornar á vida civilisada e christã. Muitos annos se tinham passado depois da fuga do convento de Iguarassú; ninguem mais o reconheceria. Um dia de manhã deixou a aldea, com o pretexto de ir caçar; foi primeiro ao arroio, desviou a pedra, abriu a igaçaba, tirou o boião, onde deixára um resto do elixir. A ideia d'elle era fazer analysar a droga na Europa, ou mesmo em Olinda ou no Recife, ou na Bahia, por algum entendido em cousas de chimica e pharmacia. Ao mesmo tempo não podia furtar-se a um sentimento de gratidão; devia áquelle remedio a saude. Com o boião ao lado, a mocidade nas pernas e a resolução no peito, saiu d'alli, caminho de Olinda e da eternidade.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa)

VARIEDADE

A FELICIDADE NO LAR

CARTAS DE UMA MÃE A SUA FILHA

III

(Conclusão)

Quanto aos outros aposentos, parece-me desnecessario indicar-te circumstanciadamente como deves mobilial-os; mas recommendo que estabeleças perfeita harmonia, tanto no conjuncto, como, particularmente, em cada aposento.

Não sacrifiques uma parte de tua casa a outra, como fazem certas pessoas que, para ter uma sala de visitas e uma sala de jantar mobiliadas com luxo, deixam de mobiliar agradavelmente os outros aposentos.

O salão e a sala de jantar, onde se recebem os amigos, devem ser hospitaleiros e fazer honra aos donos da casa, mais pelo bom gosto que pelo luxo da mobilia.

Todavia, convém que o salão seja um pouco mais ricamente mobiliado que os quartos e de um estylo mais serio.

Mas si os aposentos em que recebemos os amigos têm a sua importancia, aquelles em que vive quotidianamente a familia não têm tambem a sua?

Devemos, para o fim de satisfazer a um estolido amor-proprio, privar-nos das satisfações do coração do intimo bem-estar?

Certamente que não; é indigno de uma boa dona de casa; é querer antepôr as apparencias á felicidade dos seus.

O gabinete de Feliciano, posto que de um estylo sobrio e até severo, não deve ser despido de encantos.

Farás com que teu marido encontre nelle tudo o que faz o trabalho facil, tudo o que o faz amar.

No teu quarto poderás cercar-te dos objectos que fallam ao teu coração: recordações de solteira, retratos de familia, retratos de amigos, livros predilectos, amigos de outro e talvez melhor especie.

E' ahí, nesse aposento, que deslizará a maior parte da tua vida; ahí te entregarás aos teus trabalhos de costura, de desenho, de agulha, etc. Ahí farás muitas vezes boas e fecundas leituras, e estou bem certa que ainda ahí é que pensarás mais vezes em tua mãe.

Organisa pois esse aposento de maneira que sempre te comprazas nelle.

Torna-o mais risonho que fôr possível.

Para conseguir esse fim, bom será que colloques algumas flores na janella.

Na sua cultura encontrarás uma occupação agradável e interessante, que não desdiz da natureza da mulher.

As flores recompensar-te-ão dos cuidados que lhes dispensares purificando o ar do teu quarto.

Por essa mesma razão quereria que tivesses plantas verdes, de folhagem persistente, para pôr durante o dia no quarto.

Sabes que as plantas aspiram de dia os gazes nocivos ao homem, e tanto no inverno como no estio as plantas verdes irradiam a alegria em torno de si.

As flores artificiaes de modo nenhum as podem substituir. Por mais artisticas que sejam, falta-lhes a vida. Quando é tão facil ter as naturaes, porque preferimos as artificiaes?

Por maiores attrativos que tenham para nós as flores, cumpre que nos não afastem mais tempo das questões serias.

Voltemos a estas, fallando da tua cosinha; pôde-se dizer que é passar da parte poetica á parte material da casa.

E' assim exactamente que se comporta uma mulher intelligente e sensata. Si se compraz em occupações de ordem elevada, nenhuma particularidade de sua casa lhe parece indigna de interesse.

Quem quizer julgar da ordem de uma dona de casa, entre no seu quarto, quem quizer julgar da limpeza, vá á cosinha.

Ninguém acreditará que, si a cosinha não anda convenientemente limpa, seja a culpa da cosinheira.

Nunca me persuadirão que uma dona de casa possa supportar uma creada desaceiada ou negligente.

Nada em uma casa exige tantos cuidados e limpeza como a cosinha. São trabalhos minuciosos e quotidianos, mas indispensaveis.

Delles dependem o prazer da mesa, a vida e a saude.

Evita a parcimonia na aquisição dos utensilios de cosinha.

Não quero dizer que devas ir até a prodigalidade, que em caso algum é boa.

Comprehende a minha intenção: nada de inutil e que se preste a varios empregos; mas tudo o que é necessario, tudo o que ajuda a aperfeçoar ou a simplificar o serviço.

Somente quando nada faltar á tua cosinheira, é que terás o direito de exigir della um serviço perfeito e pontual.

PALACIO IZABEL

Realizou-se quinta-feira passada um dos mais esplendidos sarões que SS. AA. II., têm offerecido á nossa melhor sociedade.



GUARDA REAL E IMPERIAL VIENNENSE

A elegancia nos adornos das damas, a primorosa diversidade das telas, a profusão de aromaticas flôres constituiram o enlevo da festa, tornando aquelle palacio um verdadeiro paraíso.

ao piano por Sua Alteza a Princeza, M^{lle} Tosta acompanhada de violino pelo maestro White.

S. A. Condessa d'Eu, cantou um terceto com Sr. e Sra. Aguiar.

A serenata de Braga, cantada por M^{lle} Paixão acompanhada ainda por White.

Uma brilhante fantasia pela Sra. Tosta.

Finalmente terminou a parte concertante com algumas variações ao piano pelo Sr. Tiberé.

A musica da imperial quinta deu principio ao baile.

A Sra. Condessa d'Eu, dançou a primeira quadrilha com o ministro inglez, a segunda com o Barão de Cotegipe, a terceira com o ministro de Hespanha e a quarta com o Sr. Carlos Affonso (ministro da guerra). Entre as toilettes notamos as seguintes:

S. M. a Imperatriz, trajava vestido de moiré azul claro, e sobre o penteado tinha um toucado de rendas e flores.

O vestido da Serenissima Princeza, era curto e de setim cor de rosa desmaiada, guarnecido por folhos plissés de filó de seda; basquine de setim, aberta carré á formar uma faixa em pregas. Fim ramo de flores da cór da toilette ornava-lhe o peito. Não trazia joias.

A Sra. Condessa da Estrella, vestia uma toilette de pequena cauda de setim azul celeste, coberta de finas rendas crême. Como sempre a mesma elegante no gosto e na riqueza.

Um vestido de gorgorão crême com grande cauda, sendo o paninho da frente em pregas; basquine em forma de donaires; no peito e cabellos — flores carmesins.

Quem assim trajava, pareceu-nos ser uma senhora estrangeira.

Duas toilettes de grandes caudas, uma cór de laranja e outra rosa, de chamalote, eram enfeitadas



LAVA PÉS NA CORTE DE VIENNA

Não esqueçamos o quarto da creada. A humanidade, de accordo com o teu interesse, impõe-te que queiras que esse quarto seja saudavel e bastante confortavel para que a pessoa que te servir nelle encontre o repouso indispensavel á reparação de suas forças e todas as commodidades para se poder conservar facilmente limpa no corpo e no vestuario.

JULIA F.

A extrema amabilidade e ameno trato dos augustos principes captivam por tal forma aos seus convivas, que, de dia para dia, cresce a concurrencia e o numero de sympathias.

As 9 horas chegaram SS. MM., começando logo depois o concerto na seguinte ordem:

Uma bella composição de Mendelshon, executada

com rendas verdadeiras ponto d'Inglaterra. Estas senhoras pertencem a familia do Senador Nunes G.

A senhora do Ministro francez, trazia um vestido riquissimo de veludo carmesim á princeza, ornado com pontas de vidrilho de igual cór desde os hombros até as fimbrias da grande cauda. Era uma das mais distinctas toilettes.



Carl Hoff 1888

UMA VISITA INCOMMODA

Paula Candida.

... pinho: No XIV; saia: No XVI do ano de No 22

M^{lle} J. de L. — toilette de setim azul enfeitada com delicados fôfos, basquine com donaires de gaze de igual tinta do vestido. Seu pescoço de cysne era ornado por um collar de perolas, talvez com o fim de prender algum Romeu.

M^{lle} Cotegipe — vestidos de cachemira branca guarnecido de pequenos folhos os pannos da frente, e as segundas saias enfeitadas de setim, basquine de igual seda com ramos de rosas sobre o peito.

M^{lle} Moller — toilette de setim azul claro, basquine de gaze azul em forma de donaires. Seus cabellos eram enfeitados por flores.

M^{lle} H. (viuva) — vestido de cachemira branca enfeitado de rendas pretas e brancas; basquine de setim preto. Toujours la même.

M^{lle} E. D. — vestido de seda azul claro.

E assim muitas outras que primaram pelo bom gosto, mas que a memoria não pôde conservá-las todas para aqui reproduzir.

A concurrencia regulava de 300 pessoas.

O serviço foi esplendido e profuso. A uma hora da noite retiram-se SS. MM. e assim terminou o terceiro sarac do Palacio Isabel.

THEATROS E CONCERTOS

Rio, 31 de Julho de 1882.

Façamos da vida um sonho... Do Prado ao Cassino, do Cassino ao Pe. Jo. Segundo: corridas, bailes, operas... Eis a vida, formosas leitoras, gozai-a

Em perfeita embriaguez
Mais vive, quem de-maia
De amores na languidez

Eu chego d'esta vez com um grande atrazo, ha mais de um mez que não enfastio as leitoras da Estação. E para que ellas possam agradecer-me de tão longa graça, cumpre que eu recomece a minha tarefa. Eia pois...

Domingo, 23 de Julho: Hip! hip! hurrah!... Eia de carro, em wagons, a cavallo! E' hoje o grande premio do Jockey-Club. Hip! hip! hurrah! Estamos no Prado fluminense: o dia está esplendido, o sol brilha, sem queimar, sob um céu de turqueza; as archibancadas estão repletas; em baixo, uma chusma de apostadores que se entrecruzam, no campo, além da pista, as toilettes de côres vivas, os parasôes que se agitam e o champagne que estoura indicam o mundo que se diverte. Está completo: todo o Rio de Janeiro está no Prado, os cavallos na pista... Hip! hip! hurrah! ganha *Peregrino* e perdem os que apostaram por *Law-Suit*.

Mas o grande interesse, a grande ancia está no quarto pareo, no premio grande, disputado por cavallos todos de nobre linhagem.

Aproveitemos do tempo que elles põem a fazer as suas toilettes para passar uma vista d'olhos na assistencia que é numerosa e brilhante.

No torrão imperial: S. M. a Imperatriz de setim preto; S. A. a Condessa d'Eu, elegantemente vestida de côr de pinhão.

Na archibancada nobre, domina a côr negra: a Exma. Sra. Condessa da Estrella tem uma rica toilette de seda preta bordada de flores; a Sra. A. ainda tambem de seda. Felizmente algumas jovens, as Exmas. Delamare, R. S. e outras, com as suas toilettes claras, lançam a nota alegre n'esse meio.

Na archibancada geral, um mar de chapêos de todas as cores.

E' a vez do quarto pareo. Vão correr: *Corneille*, *Jasmine*, *Brown-Doe*, *Triumphante* e *Atalanta*. Tudo é por *Brown-Doe*... Hip! hip hurrah!... *Corneille* chega primeiro. *Brown-Doe* tendo estacado de repente no meio da lucta, por haver machucado os tendões de ambas as mãos.

O boletim espalhado minutos depois, do estado de saude *Brown-Doe*, consolou um pouco, cumpre dizer, os que perderam n'ella, se bem que algum tenha dito:

— Apostar em *Brown Doe*, dôe... Perdoae, leitora, foi uma bocca tão bella que commetten esse crime!

O tempo de sacudir a poeira do Prado, e eis-nos no Cassino fluminense.

Se é verdade portanto, como diz a sabedoria das nações que, de todos os espectáculos que a natureza offerece á nossa admiração, são estes tres os mais bellos:

Um cavallo a galope;
Uma mulher a valsar;
E um navio de velas enfundadas.

Só nos falta ver o ultimo, para ver todos. O que é aliás facilimo a quem quizer chegar até ao caes.

A' força de serios e severos, os bailes do Cassino iam-se tornando tristes e fastidiosos. Este ultimo porém, cumpre confessar, esteve assaz concorrido e, pode-se mesmo acrescentar, quasi divertido.

Um espirito de reforma parece animar a nova directoria. Ou talvez, o bello sexo tenha posto tambem na sua bandeira a divisa do partido liberal:

« Reforma ou revolução. »
Enfim, desta vez, dançou-se.

Em quanto não chega o lyrico...
Todos os theatros do Rio estão em actividade:
No São Pedro, a companhia dramatica italiana da Sra. G. ezzana;

Na Phenix dramatica, a empresa artistica, sob a direcção do Sr. Torres;

No Polytheama, a empresa da Sra. Ismenia;
Nas Variedades, a companhia de zarzuelas;
No Recreio, a associação artistica;
No Sant'Anna, sempre o Sr. Heller;

E mesmo no São Luiz, trabalha uma companhia que se diz dramatica.

E com tudo isso, nem o embarço da escolha entretanto! Chega a ser adoravel.

A companhia dramatica italiana estreou-se felizmente com a *Dama das Camelias*.

Isso nos dispensa a leitora e a mim, d'uma descripção de entrecio. Realmente, quem não conhece o celebre romance da mulher que se rehabilitou.

Deixemos portanto a mulher que cahe.

Segundo o annuncio da companhia, a Sra. Giacinta Pezzana é a rival de Adelaide Ristori.

Rival, é muito talvez: mas cumpre confessar que ella é uma excellente artista e sobretudo.

— Deve ter sido uma artista notavel, como dizia alguem, ao sahir da representação do S. Pedro.

Reconhecendo-lhe todavia grandes meritos e notaveis qualidades, a sua interpretação do papel de Margarida pareceu-me não muito verdadeira. Um ponto de comparação, para exemplo: ella toma o chapêo de Armando e ao fazer as pazes, joga-o sob as planchas; Sarah Berniar põe-n'o sobre a cabeça de Armando.

Eu achei mesmo que a Sr. Pezzana atira muito cousa ao chão; o seu chalê, o seu chapêo... e que as peças tambem podem la ir ter.

Todavia, repito, ella é incontestavelmente uma artista notavel de grandes e admiraveis recursos artisticos.

Eu ainda não vi a nova comedia do Dr. França Junior, e tenho pena; mas consola-me d'isso ter ouvido *Coquelicot*.

A bella opera comica que o Sant'Anna acaba de nos dar vem já consagrada por um successo, em Paris, onde é representada desde Março.

O seu libretto, cirzido sobre um antigo vaudeville por Armand Silvestre, foi traduzido em portuguez por Arthur Azevedo.

A musica é do autor dos *Mosqueteiros no Convento*.

A encenação é do Sr. Heller.

Sommem tudo isso que dá por força um successo, por mais que se tivesse de subtrahir quanto ao desempenho; e não é tanto assim: a Sra. R. Vilhot interpreta bem o seu papel, o Sr. Mattos faz bem o d'elle, e o novo tenor...

Ora, consolemo-nos com o Tamagno que não tarda a chegar.

J. D.

HYGIENE

VIRILIDADE — ALIMENTO

(Continuação)

Bebidas.— Agua, cerveja, vinhos, café, chá, licôres. O vinagre e os oleos são temperos ou medicamentos; o chocolate é, como o leite, um verdadeiro alimento.

A agua compõe-se de oxigeneo e hydrogeneo. A agua da chuva é quasi pura.

A agua corrente dos rios e das fontes contém em maior ou menor quantidade substancias terrosas tomadas dos differentes sólos que atravessa.

A agua do mar contem muitos saes alcalinos.

A agua estagnada muito depressa fica impregnada de uma multidão de seres microscopicos que nella nascem, uns espontaneamente e outros por germinação.

A agua corrente dos rios e a de certas fontes pouco mineralizadas são as unicas potaveis sem preparação, nem addição.

A agua da chuva é pesada porque não contem globulos de ar, nem materies mineraes. A do mar é laxativa porque contem saes diversos. A estagnada é infecta em consequencia dos numerosos detritus organicos que encerra.

Assim, para tornar todas essas aguas potaveis, seria necessario primeiramente prival-as dos elementos salinos ou organicos que possuem e introduzir-lhes depois o ar e os principios terrosos que lhes faltam.

A agua não é menos indispensavel que o ar aos animais e ás plantas.

E' a bebida hygienica por excellencia.

E' por isso que os povos civilizados fazem todos os sacrificios necessarios para tel-a á discrição.

A cerveja é uma bebida fermentada, uma tisana estomachica excellente.

A difficuldade de obter em qualquer tempo agua de excellente qualidade e a necessidade de favorecer a digestão de alimentos mais ou menos refractarios ao estomago fizeram inventar as bebidas fermentadas, á frente das quaes a cerveja se colloca naturalmente nos climas em que os fructos acidulados e assucarados amadurecem incompletamente.

O vinho é a bebida fermentada dos paizes quentes.

Os vinhos velhos, como a cerveja velha, são tonicos e excitantes, mas de facil digestão.

As cervejas e os vinhos novos são menos digestivos porém mais nutritivos porque contêm substancias gommosas, saccharinas ou extractivas, que se comportam no estomago como materias alimentares.

Estes nutrem mais, porém facilmente provocam indigestões; aquelles são mais facilmente absorvidos, porém embriagam mais facilmente.

Os primeiros são cordiaes que devem ser usados em pequena quantidade para estimular os nervos e agitar o sangue; os segundos são bebidas ligeiramente nutritivas que só devem ser ingeridas nas horas das refeições.

Uns (os vinhos velhos) convêm aos individuos lymphaticos, aos doentes enfraquecidos por longos soffrimentos, outros (vinhos novos) ás creanças, aos homens de gabinete, a todos os temperamentos nervosos.

(Continúa).

MUNDO FEMINIL

No Salon de Paris diversas senhoras de alta aristocracia distinguiram-se pelas producções artisticas que expuseram, as quaes, como se sabe, são julgadas por um jury antes de ser expostas. A Condessa de Mulado expoz uma estatueta representando a Rainha, no drama de V. Hugo *Ruy Blas* que foi muito gabada. Uma aquarella da Viscondessa de Clairville, intitulada *A Sonhadora*, tambem attrahiu a attenção dos entendidos. Outra illustre aquarellista finalmente, a viscondessa de Greffulhe, expoz trabalhos bastante apreciados.

A famigerada comunista Louise Michel fez representar em um dos theatros de Paris um drama que intitulou « Nadine ». A peça, que apresentava um episodio da republica de Cracovia em 1846 foi pateada pelo publico, terminando o espectáculo no meio do maior tumulto. Das galerias superiores, onde se achavam os partidarios politicos da autora, lançou-se sobre a platea quantidade enorme de projectis em taes casos usados, como cascas de laranjas e de maçãs e até muitos desses fructos inteiros, não tendo o publico das cadeiras outro remedio senão abrir os guarda-chuvas contra esse deluvio de novo genero. Francisque Sarcy o talentoso e moderado critico theatral do *Temps*, era o alvo principal dos defensores a todo transe da communa, soffrendo bastante das numerosas *ballas* que recebeu. Entretanto não havia motivo para tal manifestação, porque a peça conquanto não fosse uma obra prima litteraria, tambem não era inferior a muitas producções bem recebidas pelo publico parisiense.

For ocasião do casamento do duque de Albany, filho da Rainha Victoria, entre os ricos e numerosos presentes feitos á noiva por parte do povo, distingue-se uma machina de costura, offerecida pelos fabricantes inglezes que merece ser descripta. Os pés da mesa, de prata maciça, symbolisam por figuras allegoricas, a supremacia da Inglaterra nos mares. Os pedaes são dois elegantes sapatinhos de crystal adornados com o brasão da noiva. A machina é uma maravilha de delicadesa e riqueza em todas as suas peças sendo estas de ouro ou prata. A caixa que cobre o mecanismo é magnifica de enfeites, tendo no alto uma citação de Byron, alludindo ás felidades conjugaes. Ao abrir a machina a princeza deparou com uma delicada surpresa; era um trabalho principiado: uma encantadora camisinha de finissima cambraia.

AS NOSSAS GRAVURAS

Vienna d'Austria

Extrahimos de uma recente obra que acaba de ser publicada sobre essa capital, uma das mais bellas da Europa, os dois desenhos que reproduzimos.

Uma das curiosidades da corte do Imperio Austro-Hungaro é a magnificencia da guarda do Imperador e Rei. Os estrangeiros, bem como os proprios habitantes, são avidos do espectáculo luxuoso que apresenta essa guarda, quando sahe em grande uniforme. E' imponente com effeito a vista d'esse esquadrão de homens escolhidos um por um entre os que pela belleza de formas e estatura se torna digno de tal honra, uniformizado com riqueza que mais ainda realça os seus dotes physicos.

A outra figura representa a sahida, depois do lava pés, na quinta-feira de endoenças. As cerimoniaes religiosas por occasião da Semana Santa são, como se sabe, sumptuosas na corte de Vienna; e uma das mais interessantes é o lava-pés de doze cidadãos escolhidos entre os viennenses os mais idosos. Cada um dos respeitaveis anciões, vestido todo de novo á custa do bolsinho do Soberano, sahe acompanhado até á sua casa por um dos officiaes da guarda imperial, seguidos por dois criados do paço que conduzem uma cesta cheia de variados mantimentos, além das moedas de ouro que recebem durante a cerimonia.

Uma visita importuna

Este bello quadro do celebre pintor Carl Hoff, representa uma scena familiar no tempo do Directório em França. Uma amiga importuna, chega na occasião em que um casal joven e rico entretinha-se, lendo uma carta que lhes traz noticias de interesse. Prolonga-se a visita e por demais educados para fazer sentir á visitante quão incommoda é a sua presença, nota-se, porém, o constrangimento que sentem os personagens de uma scena que os colloca em posição tão falsa. Alem do exacto e correcto estudo da época em que vivem os seus personagens, exactidão que se nota em todos os detalhes do scenario e dos costumes, é notabilissimo o quadro do talentoso artista pela verdade de expressões, correcção de desenho e colorido brilhante.